

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

## CHRONICA DOS SALÕES.

Milhas amigas, a abundancia de baile havidos na semana passada causou a completa falta d'elles na que hoje acaba. Ainda estavam muito viçosas as corôas de triumpho obtidas por muitas bellas nas arenas em que disputarão a superioridade do bom gosto. Ainda se desenhavam vivamente nas imaginações ardentes dos cavalheiros a elegancia, as graças e os risos das deidades a quem renderão cultos. Ainda palpitavam os corações dos leões de nossas companhias ao receber a influencia dominadora de uns olhos que vão brilhar, ou dos lindos collos que vão arfar na agitação mimosa do sacrificio de Terpsicore. Ainda se conservava nos ouvidos o eco da musica animadora das quadrilhas e das valsas; e, finalmente, o brilho de centenaes de luzes, que reflectião as vivas côres das sedas e das flores não estava ainda extinto nos olhos que, sedentos, nelle se embriagaram.

Era justo, era necessario que se desse tregoa á phantasia exalada para prevenir-lhe o delirio. Era mister que a serenidade do espirito se restabelecesse sem que novas commoções o abalasssem, ao tempo que a arte e o capricho preparavam e dispunhão novas armas para os novos torneios.

E enquanto essas armas se aprestão em quanto a arte e o capricho harmonisão as rendas, as sedas e as flores, desviou-se o espirito em

folgado-pastoris, ou entreteve-se a curiosidade nunca satisfeita do futuro em interrogar a sorte sob os auspicios do apostolo S. João.

Por ahí forão as nossas bellas em romaria, deixando as galas e a ostentação dos nossos salões, e trajando sómente em obediencia a graça, consultar os oraculos em quanto ardião as fogueiras com cujo clarão se vião as lagrimas multicores dos foguetes.

Quantas emoções se sentirão devidas á incertesa da resposta esperada do oraculo! Quantas mãos ficarão trémulas e frias ao agitar-se para lançarem os dados, cujos pontos devião indicar as respostas! E quantas faces se entristecerão ou quantos corações palpitarão desordenados pela prophicia cruel ou lisongeira do destino!

Entretanto ha creaturas tão cegas pelo presente, que por elle avalião o porvir; e, desprezando a sciencia dos arcanos, pouparão-se ás emoções mais ou menos violentas, e entregárão-se com serenidade ás tendencias naturaes de seus ternos corações. Estas forão as mais felizes, ajuda que illudidas por uma falsa apparencia. As outras vascellarão em acreditar promessas lisongeiras do destino, ou dirigirão tantas censuras e amargas quixas aos Ceus pela falsidade de fementidas expressões, que tão gratas parecerão ao coração ~~de~~ desmentidas ou negadas.

A noite de S. João é realmente uma noite de

sobresaltos e de emoções, tanto mais fortes, quanto a organização humana mais ou menos susceptível, está predisposta pelo ar frio e orvalhado dessa noite classica de cada anno. Felizmente ella passou, como tudo passa, deixando uma lembrança que todas deixão, e a incerteza que só a ella compete deixar.

Passarão-se três dias sem que no mundo mythologico da dança houvesse o menor movimento: parecia que estavam todos submersos em meditações sobre as prophcias das *sibyllas* de S. João; mas ao ouvir-se o canto matutino dos passaros na madrugada de quarta-feira, desappareceu esse torpor, e o seismar abstracto cedeu o campo da imaginação aos enlaidos que devião presidir aos *toilettes* destinados para a partida semanal do *Club Fluminense*.

Assim aconteceu. Na noite de quarta-feira teve lugar a costumada partida, a qual esteve animada e interessante, conquanto não fosse muito concorrida, talvez por se acharem fóra da cidade algumas das pessoas que costumão ali comparecer, e que só voltarão do campo depois das festas de S. Pedro. Além do que deixo dito, devo tambem relatar (posto que só o possa fazer ligeiramente), que na noite de 25 houve um

lindo fogo artificial, no Cosme Velho, em cujas casas se formáráo agradaveis e interessantes reuniões. Este arrebalde esteve por este motivo muito concorrido.

Derão-se tambem no salão do Paraíso, alguns bailes mascarados, dos quaes não nos occupamos hoje por elles, mas por deferencia á alguns amaveis e respeitaveis senhores, que nelles forão vistos sem disfarce. Acaso pensáráo elles, que fingindo caracter e costumes que lhes não são proprios, estavam sufficientemente disfarçados para não serem conhecidos? Ou pensáráo entrar em algum outro mundo, donde não podesse vir noticia para este onde elles vivem? Como quer que seja, enganárão-se: e tanto que podemos assegurar-lhes que representáráo tão bem os seus papeis, como se fossem já actores de primeira força nas scenas pouco conhecidas, mas geralmente imaginadas, em que se acháráo voluntariamente lançados.

Basta por hoje. Estou bastante incommodada, e por isso não posso esforçar-me em escrever mais; esperando que possas leitoras, desculpaudo-nos, accitem este artigo como desempenho de nosso dever por esta vez.

Alina.

## EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- |   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| N. 1. — Collarinho Eugenia, bordado applicação.       | N. 42. — Ponto real.                 |
| N. 2. — Cercadura de lenço, bordado applicação.       | N. 43. — Ponto real e ponto d'armas. |
| N. 3. — Carteira para charutos, bordado de trancelim. | N. 44. — Ponto real.                 |
| N. 4. — Bordado de trancelim.                         | N. 45. — Festão e bordado inglez.    |
| N. 5. — Festão e bordado inglez.                      | N. 46. — Ponto real.                 |
| N. 6. — Bordado brasileiro.                           | N. 47. — Ponto real.                 |
| N. 7. — Tira, bordado inglez.                         | N. 48. — Ponto real.                 |
| N. 8. — Bordado a ponto real.                         | N. 49. — Ponto real.                 |
| N. 9. — Bordado a ponto real.                         | N. 50. — Ponto real.                 |
| N. 10. — Festão e bordado inglez.                     | N. 51. — Ponto real.                 |
| N. 11. — Festão e bordado inglez.                     | N. 52. — Festão.                     |
|   | N. 23. — Ponto real.                 |
|   | N. 24. — Ponto real.                 |
|   | N. 25. — Ponto real.                 |
|   | N. 26. — Flor de lãa.                |

## JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 25.)

VI.

*Sacrilegio de Roman.*

Absolvedme, dijo, Papa,  
Sino seraos mal contado.  
ROMANERO.

O objecto que causára tanto horror á rainha,

era o cadaver de Abac, do Mouro, que na primeira parte dissemos que vivia no alto da serra de Mousalud, e que ao descer ao rio se fizera em pedaços, rolando de penhasco em penhasco.

Já fiz muito com ter conduzido Roman e D. Leonor ao castello de Nogales, sobre o qual está descarregando a tormenta uma chuva de raios.

Peior fôra que os deixasse expostos á intemperie, dando assim uma prova de pouca humanidade.

Cada vez são mais temerosos os trovões; os regios hospedes reunirão-se na sala principal, e ali se dirigem mutuos cumprimentos. Os servidores do castello derão-se pressa em abrir todas as portas, levando do temor que alguma fálsea entrasse pelas janellas, e fundados na esperança de que, nesse caso, sahiria pelas portas. Roman revestido ainda de todas as armas, está encostado ao angulo da galeria. Fundas meditações lhe absorvem a mente, e não dá attenção nem a trovões, nem a relampagos. O castello está sumido nas trevas; e a maior parte dos que nelle existião tinham-se refugiado na capella, aonde se encomendavão a Deus.

Uma figura branca passa rapida ao lado de Roman... dir-se-hia o lampejar de um relampago, ou o clarão do luar, que conseguirá eortar as nuvens com seus raios. Roman estremece, como se uma scintella electrica lhe houvesse roçado o corpo; e sem saber porque, suspira; pareceu-lhe tambem que alguem pronunciava o seu nome... escuta; só ouve o assobiar do vento!

— Sonhos! sonhos! delirios! exclamou Roman, muito triste; em toda a parte se me affigura a sua imagem; em toda a parte ouço a sua voz. Miseravel existencia! é a minha! que triste é o mundo para mim! Tinhamos nascido para a felicidade. Só nos faltava enlaçar os nossos corações... só... Depois de uma pequena pausa, acrescentou: — E seremos felizes, sim, haremos de sê-o. A despeito do mundo, mesmo... assim o juro!

Um relampago illuminou o semblante do cavalleiro, e viu-se a expressão de energico enthusiasmo que o animava. Havia uma singular affinidade entre o fogo que despedião as nuvens, e o fulgor que esparzião seus olhos.

O temporal, porém, desvaneceu-se sem ter derramado mais que luz e algumas pedras. Accenderão-se tochas para conduzir os hospedes aos seus respectivos aposentos, e a rainha e o principe separarão-se depois de se cumprimentarem cordialmente.

O principe dirigiu-se ao aposento aonde tinha feito encerrar a donzella, que mandara roubar na vespera ao castello de Salvaterra... A porta estava aberta. Entrarão os pagens com as luzes; não estava lá ninguem...

Pelo chão voojava uma corôa de flores e um colar de perolas. O principe ficou furioso; mandou dar pancadas nos que tinham deixado fugir a prisioneira, ordenando que sabissem em sua perseguição. Erão dez da noite. A escuridão muita. Nada encontrão pelos arredores do castello, e D. Henrique perdeu a esperança de recobrar a sua presa.

No entretanto Roman retirou-se ao seu aposento para abrir o pergaminho que continha a decisão da Igreja. Nunca estivera tão preocupado com as recordações de Jarilla. O delirante manco vira a passar por diante de si como um phantasma na galeria do castello, e sentiu excitadas as fibras com a approximação daquelle ser

magnético. A esperança atrahida pela sua vontade poderosa, fazia-lhe considerar desfeitos todos os laços que o união a D. Ignez, e souhava com a idéa de procurar Jarilla, para nunca mais a abandonar.

Acercou-se da luz para lêr o pergaminho. Porém, ao pôr o dedo no sello episcopal, estremeceu todo; examinou pausadamente o sello como para tomar o fôlego, depois fê-lo em pedaços.

A noticia da sua condemnação eterna não aterraria tanto o infeliz donzel, como a fétura do fatal pergaminho.

Avincarão-se-lhe na testa duas rugas profundas. Rongerão-lhe os dentes; tremeu-lhe a barba por espaço d'um segundo. Depois apontou-lhe aos labios um sorriso terrivel, e proferiu uma praga medonha, que rebote por aquellas abobadas como uma detonação das primeiras e malseguras armas de fogo, que rebentava nas mãos dos que as usavão. Praga contra Deus dirigida, que devia, porém, partir o coração do que a proferia.

Enudeceu, ao que parecia tranquillo. Porém, não com a serenidade do justo, senão com a serenidade do desesperado. Havia Roman sustentado uma luta mui penosa, e fundava todas as suas esperanças na resposta do arcebispo. Amava Jarilla com esse sentimento concentrado, que nem a ausencia, nem o infortunio conseguem enfraquecer; e ao vêr a sentença, na sua opinião injusta, que o condemnava a ser rival de seu pai, sendo esposo de D. Ignez: ao vêr que a sorte contrariava a sua vontade de um modo tão obstinado; o seu energico instincto se revelou com uma força terrivel.

Difficil é adivinhar a idéa que o domina, porque ha concentrado a vitalidade na sua mysteriosa resolução, e nem por um gesto, nem por um olhar, deixa transluzir o mais pequeno signal por que ella se lhe conheça.

Comtudo, repito, não é a serenidade de um homem tranquillo, senão a judifferença de um homem desesperado, a que o faz estar immovel, cingida ainda a armadura, com os braços cruzados, e a cabeça inclinada á quina da janella que olha ao poente. Era já meia noite dada, e ainda o cavalleiro permanecia absorto em seu syndo meditar. Despontára a lua como uma chamma. O seu disco tem o candor que brilha no semblante da filha das montanhas. Havia entre a donzella innocente, solitaria e amorada, e o astro da noite, uma tão grata analogia, que Roman levantou a cabeça extasiado para receber em cheio a sua claridade. Quem sabe se Jarilla o estará contemplando naquelle instante!

Sentou-se o manco ao pé da janella, e encostou a cabeça á parede.

Aquella era a postura de Regio, quando habitava aquelle mesmo aposento. Se um dos mouros velhos de Salvaleon visse naquele momento Roman, julgaria de feito, reconhecer a figura do seu rei; e Peres teria razão para assegurar que a sombra do Mouro estava pegada ás paredes. A sombra das suas largas e negras sobrancelhas, projectando-se-lhe sobre os olhos, dá-lhe essa

mesma expressão imponente e severa, como a do Mouro. O cabello repartido, desde as pallidas fontes, em duas grossas tranças, cahe-lhe sobre o collo do mesmo modo que a seu pai acontecia. Só nas crenças differentes estes dous hómens que a natureza formára iguaes, no rosto, na intelligencia, no coração. A mesma formosura, a mesma poesia, as mesmas paixões. Ah, naquella janella, tinha Regio invocando Malama muitas vezes; e nesta noite, pela vez primeira, invocára Roman o deus de seu pai, rebellando-se sua alma contra o verdadeiro Deus, ao saber da decisão do arcebispo.

Insensato! Perturba-se-lhe a razão. Aquelle castello está cheio das tranças de seu pai. A

pedra em que reclinou a cabeça queimou-lhe como pedra infernal; e esta contemplação por altas horas da noite, a sós, com a lua, e com as recordações de Jarilla, vai conduzi-lo a sua eterna perda!

Namorado Roman, fuge! Não te fiques a sós com a lua. Parece tão casta, e far-te-ha perder a tua castidade, e a tua religião... O cavalleiro, porém, não me ouve; o seu extasis o detem mais uma hora ainda com os olhos fitos na lua; e cerrou-os depois, e adormeceu sem ter rosado a costumada oração!

Era a primeira vez que adormecia o devoto cavalleiro sem fazer o signal da cruz!

(Continúa.)

## POESIA.

### HONTEM E HOJE!

Inda hontem no mundo esperançado  
Escutava o meu Anjo em termo amor:  
Só uma imagem nesta mente tinha  
A quem versos doava o Trovador!

Inda hontem buscava de minh'alma  
Esta parte tão nella concentrada,  
D'um futuro a esperança desejosa,  
O amor que jurou-me a minha amada!

Inda hontem volvia aos céus meus olhos,  
Tendo no coração somente — amor;  
Inda hontem não sonhava que — infeliz,  
Neste mundo só tenho cruel dor!

Inda hontem vertera doce pranto  
Ao pensar em tamanha f'licidade:  
E hoje o coração só tem na dor  
O receio, a esperança e a saudade!

Inda hontem desejava a doce vida  
Para encontros gozar da bell'amante,  
Para um dia viver unido à ella  
E provar-lhe meu amor puro—constante!

Inda hontem sonhara eu — amor,  
Meus doces sonhos prez'ria um Anjo;  
E scismei tantos prazêres, taes venturas,  
Que só dar-me podia o meu Archanjo!

Mas o Fado trocou tanta ventura,  
Illusão tudo era só do Fado!  
E hoje da vida o que é real,  
E que sou um vivente desgraçado!

E hoje a dor não tem mais linitivo,  
E tudo que eu scismei—esvaheceu-se!  
E amor, o anjo loiro, a f'licidade,  
Era tudo illusão! — já fenecceu-se!

O futuro que a mente me doirava  
Só tem hoje por si terna esperança!  
E quem sabe se amor que hontem gozei  
Só terá amanhã uma lembrança?!

Inda hontem vertera doce pranto  
Ao pensar em tamanha f'licidade,  
E hoje o coração só tem na dor  
O receio, a esperança e a saudade!!

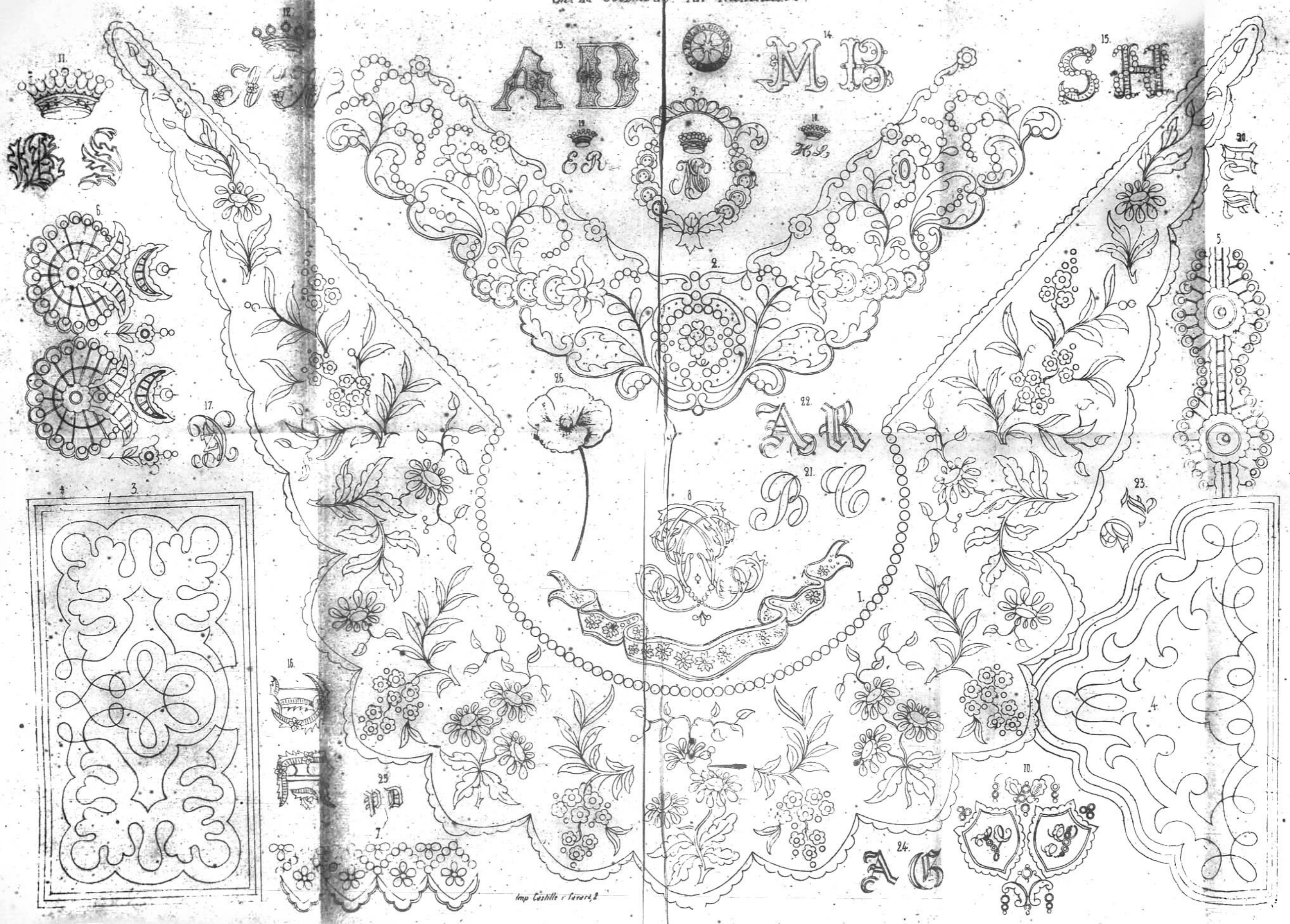
Maio de 1855.

Innocencio Rego.

## ROSSINI.

A biographia dos tempos modernos offerece poucos exemplos de uma reputação tão geral e tão rapida, acreditada tão uniforme, como a do

celebre compositor Rossini. Sem entrarmos por agora na apreciação do merecimento de suas obras, basta saber que em toda a parte são ouvidas com



extâses de admiração e enthusiasmo, para que o affeiçãoço á bella arte da musica deseje ter conhecimento de algumas particularidades relativas ao famoso maestro, que desde 1825 tem predominio no gosto do publico em assumptos de opera lyrica.

Rossini nasceu aos 29 de Fevereiro de 1792 em Pesaro, pequena e bonita cidade dos estados romanos, no golfo veneziano. Seu pai era musico, e ganhava a vida tocando trompa n'alguns concertos e theatros de inferior escola; sua mãe, que na sua mocidade fôra formosa, desempenhava o papel de segunda dama, nesses theatros. Ambos corrião de feira em feira, obtendo pouco dinheiro e pouca fama; porém, descuidosos do futuro erão felizes.

Rossini começou a estudar musica em Bolonha no anno de 1804; foi seu mestre Angelo Tesse, que em poucos mezes pôz o discipulo em estado de ganhar alguma cousa cantando nas igrejas. A sua excellente voz e maneiras affaveis lhe ganharaõ a protecção dos directores das festas ecclesiasticas. Aprendem bem o canto e o acompanhamento e ás regras de contraponto; já em 1806 cantava toda a musica á primeira vista, dando grandissimas esperanças. Geralmente se julgava que se applicaria ao theatro; e como era de gentil presença lhe aconselharão que entrasse de primeiro tenor n'uma companhia.

Por este tempo sabiu de Bolonha e emprehendeu uma viagem artistica pelos estados romanos, dirigiu a orchestra n'alguns theatros de segunda ordem, e voltou a Bolonha onde foi admittido no lyceu, e tomou ali algumas lições de Eustachio Mattei. Um anno depois compoz por incumbencia particular uma symphonia e uma cantata, e immediatamente foi nomeado presidente da academia das concordes.

A primeira obra que deu á luz foi a opera bufa intitulada — *la cambiale di matrimonio*, representada em Veneza em 1810, tendo já composto em 1809 a opera séria — *Demetrio e Polibio*.

No outono seguinte fez em Bolonha o *Equivoço Extravagante*, opera bufa, e em Veneza para o carnaval de 1812 a farça intitulada, — *L'enganno felice*. Aqui já começa a transparecer o genio de Rossini; os motivos originaes, a profusão de idéas, e os magistraes acompanhamentos, que reinão nesta composiçõ promettião á Europa um digno successor de Mozart. A opera bufa — *la scala di seta*, e a *occasione fa il ladro*, e *Cyro in Babilonia*, oratoria, forão produções do mesmo anno, e confirmarão aquellas esperanças.

*Tancredo*, opera séria, appareceu no theatro de Veneza durante o carnaval de 1813, e produziu uma sensação que não é facil descrever. Todos os venezianos desde o barqueiro das gondolas até o membro do conselho dos dez a sabião de côr: *ti rivedrò, mi rivedrai*; muitas vezes nos tribunales os juizes tinham necessidades de impor silencio aos espectadores, que repetião quasi involuntariamente: *mi rivedrai, ti rivedrò*.

Esta magnifica produçõ percorreu a Europa em menos de quatro annos; em toda a parte foi

admirada, não só pelos entendedores, como pelo vulgo. Todos concordarão em que a abertura é um modelo de riqueza musical, e de harmonia, as arias igualmente o são de elegancia e impressão, e os coros de invenção e originalidade. Seus cantos breve se tornarão populares, e tanto se ouvião na capella sinita, como nas revistas de Hyde-Park, nos concertos de S. Petersburgo, como em outros bailes de Madrid. Mais tarde veio com iguaes applausos popularisar-se em Lisboa.

Rossini adquiriu tanta fama com *Tancredo* como qualquer de seus predecessores mais acreditados com quatro ou cinco de suas obras primas. A opera bufa, a — *Italiana em Alger*, bem conhecida de todos os antigos amadores, foi produçõ do mesmo anno, assim como a opera séria, *il figlio per hazardo*.

Recem-entrado, Rossini na carreira da gloria, logrou tambem a sociedade dos maiores applausos, tanto pelo seu merito pessoal, como pelo prestigio de sua fama.

Fez depois um contracto com o theatro de Milão, para o qual compoz a opera bufa — *La pietra del paragone*: esta linda composiçõ augmentou sua nomeada artistica. Desejoso enlao de receber os applausos de sua familia que ternamente amava, fez uma jornada a Pesaro, onde foi recebido por seus compatriotas com admiração e affecto.

Os criticos de Bolonha accusarão Rossini de ter infringido as regras da composiçõ. Concordeu nesta censura: mas, como ha de ser, disse elle, por ventura posso eu lêr duas vezes os meus manuscritos, se me dão seis semanas de prazo para compor uma opera? O primeiro mez, passo-o a divertir-me; se não me divertir em quanto for rapaz, que farei quando tiver um pé na sepultura?... Chegão os ultimos quinze dias, e cada manhã tenho que escrever um duetto ou uma cavatina, que se ensaia nessa noite. Se commetto alguma falta de acompanhamento, como hei de eu notal-a?

Rossini visitou todas as cidades principaes da Italia, e compuzia cinco a seis operas por anno, á razão de cento e setenta a duzentos pesos fortes, e a sua fama propagava-se com rapidez. No anno de 1814 tinha chegado esta reputação a Napoles, cujos habitantes estranhavão grandemente que houvesse um compositor famigerado que não fosse Napolitano. Foi chamado aquella capital, e obrigou-se a compor duas operas por anno: este contracto o forçava a um trabalho immenso, porém, desempenhava-o, divertindo-se e molhando de seus inimigos. A sua primeira composiçõ, em cumprimento desse contracto, foi — *Elisabetta di Inghilterra*, opera séria; seguirão-se — *Aureliano in Palmira*, séria; — *Il Turco in Italia*, bufa; e *Sergismo*, séria. Os Napolitanos ouvirão-n'as e admirarão-n'as, convencidos de que um bom compositor pôde nascer nas fibeiras do Adriatico, bem como nas faldas do Vesuvio.

O rei de Napoles, Fernando IV, regressando á antiga capital de seus dominios depois de cinco annos de ausencia, achou um dos seus mais bellos adornos, o magnifico theatro de S. Carlos red-

sido a cinzas. O rei, afeiçoado ao theatro e á musica, sentiu amargamente esta perda; porém, M. Barbaja obrigou-se a reedificar este vasto estabelecimento no espaço de nove mezes, e cumpriu a sua palayra. A primeira actriz deste theatro era a formosa hespanhola, Izabel Colbran. Rossini enamorou-se della e tomou-a por esposa; na sua companhia, foi para Roma, e ali apresentou ao publico a opera semi-séria — *Torvaldo e Dorliska*; e logo depois aquella obra prima de harmonia, de graça e de talento musical, a primeira opera entre quantas se tem composto, que nunca se retira dos principaes theatros lyricos, — *Il barbiere di Siviglia*.

Compôz depois em Napoles a — *Gazella*, comica, e a opera séria — *Othelo*; a *Cerventola*, opera bufa, foi dada em Roma em 1817, e a *Gazza Ladra*, semi-séria, em Milão em 1818; seguirão-se-lhe — *Arnida i Rinaldo*, séria, e o *Califa de Bagdad*, comica; — *Ricardo e Zeraide*, séria, e a oratoria — *Moysés no Egypto*. Nesse drama sacro, subiu de ponto a reputação de Rossini; com este conquistou os seus mais brilhantes triumphos. O *Moysés* é o *Barbeiro*, diz o insigne maestro, são as suas corôas artisticas,

os filhos predilectos entre as suas variadas produções.

No anno de 1819 apresentou — *Eduardo e Christina*, *Marmion*, e a *Dama do Lago*; em 1820, — *Bianca Falliero*, e *Mahomet II*; em 1821, — *Mathilde de Schabrand*; em 1822, — a *Zulmira*; em 1823, a immortal composição, a — *Semiramis*. E depois outras composições que attestão a fecundidade do incauçavel compositor; teremos occasião de fallar mais amplamente deste rei da harmonia.

A sua musica tem os caracteres distinctivos da originalidade, riqueza e bom gosto; soube fazer um uso singular e mui agradável da instrumentação, e a grata e continua variedade de suas obras contribuíro para que permanecção no repertorio de todos os theatros, ao passo que outras, muito applaudidas na sua applicação, e por um breve periodo de enthusiasmo ficticio, hão de cahir perpetuamente no esquecimento.

Taes são as noticias que extrahimos da *Revista Lisbouense*, a respeito de Rossini, para depois irmos dando noticia de outros celebres compositores, de cuja nomeada as nossas leitoras estão ao facto.

## VARIEDADES.

### Orgão do ouvido.

O orgão do ouvido, tanto no homem como nos animaes, tem a sua séde na cabeça.

A unica parte deste orgão visível exteriormente, é o pavilhão da orelha que apresenta na sua forma e na sua textura, condições muito favoraveis para recolher os sons. Em muitos animaes, o cavallo por exemplo, é uma verdadeira corneta acustica susceptível de mover-se em todos os sentidos. O pavilhão concentra as ondas sonoras no conductor auditivo, e que depois de se ter internado na cabeça em pequena profundidade, termina pelo tympano. Esta caixa não tem outra abertura, senão um pequeno buraco, que communica por um conducto chamado *trompa d'Eustachio*, com a boca posterior. Por esta pequena abertura, o ar renova-se e se põe em equilibrio com a pressão atmospherica. A caixa do tympano tem ainda duas outras aberturas, uma no alto, chamada a janella oval, e a outra mais abaixo, denominada a janella redonda; mas ellas estão tapadas por membranas ou musculos, aos ques está unida a cadeia dos ossinhos suspensa no interior da caixa; esta cadeia é composta de quatro pequenos ossos, chamados, em razão da analogia de sua forma, o *martello*, a *bigorna*, o *lenticular* e o *estribo*; serve, suppõe-se, para amortecer as sensações muito violentas, que o orgão poderia soffrer. Basta estendel-a fortemente, bem como a membrana do tympano, para produzir este effeito. Ha pessoas que pretendem ter a faculdade de operar esta

tensão, de maneira a ficarem surdos inteiramente á vontade.

O pavilhão, o conductor auditivo, a membrana do tympano, a caixa ossosa, a cadeia dos ossinhos e a trompa d'Eustachio, formão o que se chama orelha externa. A orelha interna compõe-se de um conductor contornado em espiral, a que se dá o nome de *caracol*. Ligado por uma das suas extremidades á membrana da janella redonda, abre-se pelo seu outro lado, em uma cavidade chamada *vestibulo*, collocada por detraz da janella oval. O vestibulo communica a tres canaes semi-circulares de uma natureza ossea, e que estão cheios de uma materia pardacenta, cujo uso é desconhecido. Os ultimos filetes do *nervo acustico* vem fluctuar em um liquido transparente, que enche as espiras do caracol.

Parece que as vibrações sonoras, concentradas por este pavilhão, tocão as membranas do tympano, repercutem-se na cavidade ossea, como na caixa de um tambor, e são communicadas á orelha interna pelas membranas que fórmão as duas janellas de que já fallámos. Mas o como a sensação se transmite ao nervo acustico, e que funcções exercem nesta transmissão, a membrana do tympano, a cadeia dos ossinhos, o caracol e os canaes semi-circulares, é um segredo da natureza, que não nos é permitido penetrar. Sabemos unicamente, que a membrana do tympano póde ser rota ou perfurada, sem que a audição cesse de ter logar. Vê-se fumistas, que fazem sahir pelos ouvidos a fumaça que aspirão, sem serem affectados de surdez. E' preciso com-

tulo, para isso, que a fumaça introduzida na caixa do tympano pela trompa d'Eustachio, della s'alia por uma lesão da membrana. A perfuração do tympano, é além disto, uma operação chirurgical praticada com bom exito para a cura de alguns casos de surdez. Os tres primeiros ossinhos não parecem tambem indispensaveis á audição. A queda do estribo, só, causa a surdez.

## Arrependimento e Expição.

Acaba de morrer ha pouco na prisão de Langres um homem, que offerecia o triste exemplo de uma existencia, votada quasi toda inteira aos remorsos e á expiação de um crime commettido em um momento de allucinação e dictado pela violencia de uma paixão contrariada. Os detalhes romanescos deste crime, o arrependimento continuo e perseverante do culpado e a sua morte em um captivo voluntario, que devia completar uma expiação de vinte e cinco annos, tudo inspira um verdadeiro interesse em favor desse desgraçado.

Floriot habitava em 1829 uma herdade dos arredores de Auberville: ali perto morava uma joven rapariga chamada Catherina G... As relações, que a visinhança tinha estabelecido entre os dous jovens não tardarão em tornar-se em uma affeição mais viva, bem depressa augmentada por promessas de casamento. Mas esta união devia ter resultados funestos. Floriot era pobre: um novo pretendente á mão de Catherina se apresentou e foi acolhido pelos pais da joven rapariga, que não se atreveu a recusar o seu consentimento. Esta infidelidade levou o desespero ao coração de Floriot: em vão procurou elle tornar a appossar-se do coração de sua amante; de balde empregou as exprobações, mesmo as ameaças; a eneficacia dos seus esforços acabou por lhe fazer perder a razão. Poucos dias antes do casamento do seu rival veio a Langres, comprou uma pistola e de volta á herdade de Arquenove, pediu tornar a vêr Catherina. A mãe desta não julgou dever recusar-lhe este favor, que parecia implorar com calma e resignação. Conduziu-o para junto de sua filha e o deixou mesmo á sós com ella. Esta entrevista foi longa e cruel, ouviu-se choro nessa camera, onde se fazião os ultimos adens; depois sentiu-se uma detonação, accudiu-se, Catherina estava mortalmente ferida! Floriot, desviado, lançou-se fóra da casa um segundo tiro de pistola seguiu seus passos, tinha tentado matar-se, mas apenas havia conseguido fazer uma horrivel ferida na cabeça. A garraido e conduzido á prisão, fez completa confissão declarando contudo, como persistiu sempre em fazer-lo, que Catherina tinha consentido em morrer com elle.

Foi levado perante os tribunaes onde a lei não permitia então conceder aos accusados o beneficio das circumstancias attenuantes. O assassinato estava confessado, a sentença não podia

ser duvidosa. Foi-lhe dada sentença de morte, mas suspendeu-se a execução e um recurso de graça impetrado em favor do condemnado fez em breve commutar a pena primeiro em trabalhos forçados perpetuos, depois quasi immediatamente em prisão por toda a vida. A boa conducta de Floriot durante o seu encarceramento na casa de Clairvaux mereceu-lhe successivamente novos favores: por fim a 9 de Agosto de 1845, foi posto em liberdade.

Da volta á sua terra, a sinceridade do seu arrependimento, lhe reconquistou a estima e a affeição dos seus compatriotas. Casou-se, mas nada podia fazer-lhe esquecer a sentença, cujo opprobrio pesava sobre a sua cabeça. Resolvido a lançar não de todos os meios que a lei lhe offerrecia; para attenuar tanto quanto possível esta mancha da sua vida; sollicitou em ultimo logar a sua rehabilitação. Mas para a obter era preciso justificar ter pago as custas a que tinha dado logar o processo contra elle intentado. Não lhe permitindo os seus recursos solver esta divida do Estado não podia satisfazê-la senão sujeitando-se á prisão. Este obstaculo não lhe serviu de embaraço; dahi dependia a seus olhos o futuro de seus filhos: dentre os soffrimentos e miseria que lhes devia causar a sua ausencia e o temor de lhes legar um nome infamado por uma sentença de morte não hesitou e foi entregar-se á prisão de Langres. Ali estava, havia dous mezes e aproximava-se o termo do seu captivo voluntario quando em um dos ultimos domingos de Janeiro deste anno, no acto de se dirigirem á capella, os seus companheiros o forão aclair morto na cama. Tinha, durante a noite, succumbido repentinamente e sem dôr pela ruptura de um aneurisma.

## Seda tecida pelas aranhas.

Ha alguns cento e tantos annos que certo Mr. Bon, de Montpellier, apresentou á Academia das Sciencias, luvas, meias, e outros pequenos artefactos fabricados com a seda de que as aranhas communs tecem a especie de sacco, em que depositão os ovos. Encarregado de examinar esses objectos, Reaumur foi de opinião que não tinham outro merecimento mais do que o da curiosidade, e que delles nenhum partido poderia tirar a industria.

Um inglez, Mr. Rolt, renovou experiencias desse genero. Tendo-lhe cahido sobre uma mão uma aranha dos jardins, percebeu que ella trazia após si um fio, cujo tecimento continuava á medida que elle o ia tomando para o dolear em torno da mão. A este principio ensaio succedeu em breve outro. Mr. Rolt adoptou uma dobadooura a uma machina de vapor de uma fabrica em que era empregado, pôl-a em movimento, e obteve assim, em duas horas, de vinte e quatro aranhas que submetten a esta operação, cada uma durante tres a cinco minutos, um fio do comprimento de 18,000 pés e brillante de alvura.



Este fio é muito mais fino do que o dos bichos da seda, porque não equivale mais do que a um quinto destes. Estabelecendo os seus pesos respectivos nas proporções semelhantes, e admitindo que as aranhas podessem dar duas vezes por anno um fio de 750 pés, enquanto de um só bicho da seda se obtém 1,900 pés, o producto do bicho igualaria seis vezes e meia o do insecto. Portanto, desde que é preciso criar 5,500 bichos para se obter uma libra de seda, a mesma quantidade de producto necessitaria o concurso de 22,000 aranhas. Conceber-sa-ha melhor ainda a impossibilidade de pôr em pratica uma tal industria, se se reflectir que duas aranhas não se podem encontrar sem darem-se um combate mortal; e que, para fazer trabalhar simultaneamente 22,000 individuos dessa raça insociavel, seria necessario construir outras tantas cellulas separadas para as proteger umas das outras.

### Um cão que fallava.

Folheando um antigo periodico inglez, celebre no seu tempo, o *Gentleman's magazine*, acha-se a historia de um cão, que mostrava em Stockholm, e que pronunciava muito bem um grande numero de palavras, mesmo phrases inteiras, tanto em francez como em sueco, até sabia gritar. — *Viva el-rei* — com uma graça toda particular: porém o *Gentleman's magazine* não constitue authoridade; em quanto que Leibnitz deu o seu grande nome em garantia do facto que se segue.

Acha-se a sua narração no livro de Bingley (*Animal biography*, T. 1.º pag. 250), o qual cita em seu apoio a Shawd (*Gen. zool.*, vol. 1.º pag. 289), e declara servir-se da historia da Academia de Sciencias de França. Trata-se ainda de um cão que fallava; que Leibnitz viu, e de cujos altos feitos elle proprio communicou á Academia.

Este cão tinha nascido em Zeitz; entre outras palavras, dizia distinctamente na sua lingua, chá, café, chocolate, etc.; era um cão de mediana altura, pertencente a um camponez saxonió. Um rapaz, filho deste camponez, julgou notar que certos sons da voz do cão tinham uma vaga semelhança com algumas palavras: immediatamente metteu-se-lhe na sua cabeça germanica, a idéa de lhe ensinar a fallar correctamente: não poupou tempo nem trabalho; o discipulo tinha tres annos quando elle começou a sua educação, e chegou a pronunciar trinta palavras; parece porém, que era um estudante muito indocil e pouco disposto a instruir-se, e preferindo brincar.

A litteratura pesava-lhe a tal ponto, que nunca dizia uma palavra sem que primeiro a pronunciassem em sua presença. Leibnitz (sem-

pre segundo Bingley) declara tê-lo ouvido fallar, e os academicos francezes accrescentão que só a authoridade de um tal nome os levaria a mencionar uma cousa tão singular. Acredita-se piamente.

### Anecdota.

Um pregador, n'um sermão de lagrimas, tendo esgotado a sua facundia, ao desenrolar o Sudario, só commoveu uma preta velha que abraçou-se com a reliquia, e chorando a puxava para si. O franciscano tirou disso argumento, e zuziu o auditorio que aliás se ia retirando, enfadado da pouca união do fradeco. Pelo contrario, a preta mais e mais enthusiasmada pelos elogios do santo homem, foi puxando o Sudario de tal fórma, que o frade já estava todo debruçado no pulpito. — Larga irmã, que eu caio, disse o santo homem. — Larga preta, que eu não posso. — Larga, larga bruxa, torna o frade quasi dobrado. — Larga diabo, negra infernal, ou pulo-te em cima como um carrasco!

A preta não largou, e o frade sahio escoltado pelos irmãos da Irmandade e pelo juiz, que era o capitão-mór, para se livrar dos rapazes. Que fradinho!!!

Papagaio.

### CHARADA.

Pela luz sou produzida	1
Só por fim sou procurada	2
Triste do que me sentir	1
Que tal é esta charada?	

Faltame agora o couceito  
Serei homem? Póde ser,  
Mesmo assim tão empenado  
Póde muito bem viver.

Mas se não for cousa viva?  
Póde ser bem magostoso  
E olhar o Guanabara  
Quedo, firme e alteroso.

P. de L.

### Aviso.

Tendo findado a assignatura do primeiro semestre deste anno, continuaremos, como de costume, a remettermos aos nossos Assignantes: aquelles, que não declararem, que deixão de nos auxiliar e não devolverem os Números, que receberem, authorisào-nos a, em tempo, mandar receber o competente importe.

Acompanha este n.º 26 um padrão de bordados.